

FESTA DE SÃO BEBEDITO: A EDUCAÇÃO NAS TRAMAS DE UMA CULTURA POPULAR EM LUTA POR CIDADANIA.

Dejacy de Arruda Abreu - UFMT/CAPES
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Passos - UFMT
Co-Orientadora: Prof^ª Dr^a Rita Amaral –USP

Resumo

FESTA DA CUIABANIA NA DANÇA DO TEMPO

A pesquisa sobre a festa de São Benedito foi desenvolvida no espaço: da igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Cuiabá - Mato Grosso, espaço onde a festa é realizada, há quase três séculos. A pesquisa está integrada ao Projeto de Cooperação Científica em Educação UFMT/UFF/PUCSP apoiado pelo PADCT/CNPq/CAPES. Procurou compreender a relação entre espaços e atores educacionais através de protagonismo social dos setores populares. O resultado da pesquisa aponta que a festa, constitui manifesto público afirmativo da cultura do povo negro, mestiço e dos empobrecidos, que ao 'festar' constituem as raízes de sua identidade afrobrasilíndia dado a presença da cultura bororo em Cuiabá. Cuiabá foi colonizada por brancos portugueses marcados, também estes, por uma singular cultura européia periférica de catolicismo popular, devotos/as do santo negro, possibilitando que congregue no seu interior uma rica diversidade que se explicita nas representações da fala e em símbolos corporais. A pesquisa compreende a educação como devir ontológico num estar sendo aprendiz de sua própria humanidade com outros, demandando relação epistêmica, ética, estética, política aberta. Que não tem uma forma pré-definida, única; é no movimento da mesma em diálogo com o tempo histórico e as condições concretas que o aprendizado se define de forma dinâmica e dialógica. Utilizamos a fenomenologia de Merleau-Ponty no que tange à temporalidade, a educação emancipatória de Paulo Freire e a descrição densa' de Clifford Geertz. Retomamos conceitos básicos de Rita Amaral (USP) sobre a festa e sua significação no país.

Palavras-chave: educação, movimentos sociais/festa, temporalidade.

Abstract

PARTY OF THE CUIABANIA IN TIME DANCE

The research about São Benedito's party was developed in the space: of the Nossa Senhora do Rosário and São Benedito church in Cuiabá - Mato Grosso, space where the party is carried through, has three centuries almost. The research is integrated to the Project of Scientific Cooperation in Education UFMT/UFF/PUCSP supported for the PADCT/CNPq/CAPES. It looked for to understand the educational relation between spaces and actors through social protagonism of the popular sectors. The result of the research points that the party, constitutes affirmative public manifesto of the black culture, crossbred people and poor ones, that during the party the presence of the culture constitutes the origin of their afrobrasilíndia because the "bororo" identity in Cuiabá. Cuiabá was colonized by Portuguese marked for singular European culture peripheral of the popular catholicism, devotes of a black saint, making possible that congregates in its interior a rich diversity that explicit in the speech representations and in corporal symbols. The research understands the education as ontology task in being apprentice with their proper humanity with others, demanding epistêmica, ethical, aesthetic relation, open politics. That it does not have a daily pay-defined form, only; it is in the movement of same in dialogue with the historical time and the concrete conditions that the learning defines of dynamic and dialógica form. We use the fenomenologia of Merleau-Ponty in that it refers to to the temporality, the emancipate education of Paulo Freire and the dense description ' of Clifford

Geertz. We retake basic concepts from Rita Amaral (USP) about party and its signification in the country.

A pesquisa é intitulada: *Festa de São Benedito: a educação nas tramas de uma cultura popular em luta por cidadania*. Buscou estudar e compreender a festa como estratégia de educação e formação para cidadania

Conforme escreve Amaral, o festejar brasileiro, por suas características peculiares pode ser considerada até mesmo, contrariamente à idéia de “alienação” que envolve, como uma dimensão de aprendizado da cidadania apropriada de sua história por parte do povo. (AMARAL, 1998, p. 14)

Tecemos assim, um olhar no processo de relação do campo simbólico da festa adentrando nas relações de força, ordem, submissão, “libertação, educação e cidadania”. Como nos lembra Da Matta (1987) [...] as festas populares seriam a sobrevivência de um tempo antigo, guardadas por algum grupo especial, que as comemoram porque é o costume. (p. 102)

E reforça Otto Maduro (1994, p. 11):

Em certo sentido, pode-se dizer que a vida humana gira em torno da festa, move-se no sentido da celebração. Nós lutamos de sol em sol para conseguir aquilo que dê alimento e sentido à vida e que, portanto, mereça ser festejado jubilosamente em companhia de nossos entes queridos: trabalho, amor, alimento, lar, saúde, liberdade, paz, tempo para descansar, brincar e desfrutar da amizade gratuita. Lutamos constantemente para encontrar motivos, tempo, espaço e outros recursos para poder celebrar a vida sem medo nem culpa; para poder festejar o bom da vida sem causar sofrimento à vida dos outros.

A pesquisa foi desenvolvida no espaço: da comunidade Nossa Senhora do Rosário situada em Cuiabá Mato Grosso, lugar onde a festa de São Benedito é realizada tradicionalmente há quase três séculos.

Cuiabá está situada no estado de Mato Grosso localizada no Centro Geodésico da América do Sul sendo a capital do referido estado. A mesma nasceu e se expandiu no brilho do ouro que foi descoberto em grande quantidade nas proximidades do córrego da Prainha e da "Colina do Rosário", onde foi construída a histórica igreja do Rosário. A notícia do ouro fácil se espalhou atraindo à Cuiabá levas de migrantes dos quatro cantos do país. Constituinte uma população de rostos e culturas diversas com forte presença indígena bororo, de raízes africanas de negros trazidos pelos portugueses como escravos, quer pelos bandeirantes ou pelas entradas. Caracterizando também a cultura cuiabana como resultado da nordestinidade, misturados com bororos, negros quilombolas ou escravos, com portugueses, bolivianos...

A pesquisa nos possibilitou entender que a Festa nasceu com os excluídos negros não alfabetizados sem nenhuma representação social e se transformou numa festa da elite cuiabana que devotamente participa da festa com donativos e como festeiros rei e rainha. Na origem da festa a devoção ao santo negro constituía a expressão de fé da comunidade negra pobre e simples. Hoje, a festa congrega os devotos da elite com a presença dos excluídos socialmente, ambos celebram a devoção num mesmo espaço.

Salientamos que a igreja Nossa Senhora do Rosário, é espaço e tempo oportuno (Kairós), construída que foi por diferentes grupos de negros escravos. E acompanhando em alguns momentos o atual restauro da Igreja do Rosário e São Benedito, deparamos de perto com paredes extremamente largas demonstrando e demarcando uma época onde podíamos encontrar homens e mulheres de pele negra que eram submetidos a trabalhos forçados, uma servidão que obedecia a mão do chicote que legitimava a discriminação racial, que elegia dentre os homens e as mulheres de famílias dos grupos tradicionais quem era o senhor/a e quem era o servo/a. Quem podia tomar parte do grupo que festejava e beijar o santo da devoção.

Dessa forma, ainda hoje na arquitetura original da igreja do Rosário e São Benedito, podemos conferir os traços do opressor. A separação de corpos era tão grande que foi construído na lateral da igreja uma pequena capela com um altar no qual provavelmente foi posto São Benedito e outros santos da devoção afro. Nesse espaço que a festa nasce e se prolonga. E com o tempo foi ganhando proporções e expressões maiores a ponto de conseguir “atrair” os brancos, que de certa modo assumem a festa como tradição da cuiabania a devoção do “santo negro”.

É relevante mencionar que o negro Benedito nasceu na Sicília, Itália, em 1526. Seus pais foram descendentes de escravos vindos da Etiópia, e mais tarde libertos por seus senhores. Sendo então, de família pobre, o Mouro, como era chamado, foi pastor de ovelhas e lavrador. Aos 18 anos decidiu consagrar-se ao Senhor, mas somente aos 21 anos foi chamado por um monge para viver entre os Irmãos Eremitas de São Francisco de Assis. Opção de vida que decorreu mais tarde após a sua morte em devoção mundialmente conhecida devido os inúmeros milagres atribuídos a ele. Por isso, tão festejado pelas comunidades afro-brasileiras, símbolo e mediação de diversas graças. A discriminação racial na contra mão da história da conquista do embranqueamento.

Os estudos dessa festa dentro do período que ela surge (1726) parecem mostrar que havia dois tempos, os dos brancos e dos negros. Embora esses tempos se cruzassem não podiam ser vividos ou concebidos pela cultura dominante num mesmo espaço e temporalidade. Hoje de certa forma essa mesma devoção ao santo negro já permite observarmos o encontro de vários grupos de procedências culturais e sociais diversas que vêm assumindo a festa como ‘tradição’ e vinculados a promessas e graças recebidas por São Benedito, como devotos do “santo negro”.

Verificar também que nos parece que quando a elite toma conta da festa no sentido de promove-la, não é na perspectiva de inclusão é de apropriação. A igreja com seus representantes eclesiásticos também de certa forma apropriam-se da festa e desapropriam a tradição. Na perspectiva da sociedade (elite) é de exclusão onde transforma diferenças em desigualdades criando novos meios ou condições pra festejar.

Nesse espaço simbólico da festa que é de privilégio, as devoções das representações da espiritualidade africana foram e continuam sendo negadas. Assim, o sagrado das imagens e do espaço ritualizado na liturgia romana, trazida pela cultura européia ou pela devoção popular portuguesa, eram resignificados pelas crenças nos Orixás. E o que percebemos na atualidade do ‘festar’ da cuiabania é que a devoção a São Benedito vem conseguindo trazer ou devolver para o cotidiano festivo, expressões culturais da nossa brasilidade, nela é comum a realização da dança da Congada, siriri, cururu e expressões da contemporaneidade. Principalmente, a explicitação litúrgica e celebrativa dos valores da cultura-afro na festa prestando reconhecimento e promovendo a centralidade dela na manutenção da festa. Tudo isso numa tentativa quase teimosa de retomar e reaprender as origens da festa.

A relevância do trabalho pesquisado se justifica pela importância da Festa de São Benedito em Cuiabá se constituir parte integrante no cenário social como um espaço do tempo vivenciado por diversas significações, e que mobilizam a população cuiabana, trazendo a cada ano no seu tema e lema expressões de lutas contemporâneas, sobretudo sociais e políticas. A festa de 2005 trouxe como tema central: “De mãos dadas com São Benedito, buscamos solidariedade e paz”.

A pesquisa verificou que a festa se constitui, também, num espaço privilegiado que fecunda, que cria, que reitera e recria as tradições consolidando a raiz dos costumes do povo com os sentidos de suas vidas, mediada pela cuiabanidade. Ainda, a festa possibilita o resgate da memória dessa cuiabanidade, ou seja, o jeito peculiar do povo que migrou para Cuiabá num cruzamento de culturas diversas frente ao Catolicismo oficial que convive com as mais variadas formas de religiosidade popular. Dentre ela a própria Festa de São Benedito que no seu sentido híbrido trás o sagrado que exprime o lado religioso e a manifestação da fé dos devotos e abre espaço físico para manifestação do que se pode chamar de profano.

Durkheim (1989) sustenta a afirmação quando diz:

pois [...] todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente bem, pelas palavras profano e sagrado. (p. 68)

Desta forma, quando pensamos na separação entre profano e sagrado, impõe-se aqui, no que toca à relação com o outro, uma reflexão sobre o limite. Mas este é sempre parcial, incompleto e, portanto, relacional. Mais do que separar, ele pode *comunicar*.

Para CÂMARA NETO (2000) A Festa de São Benedito, “devoção por excelência do elemento servil de todos os tempos” – referencia natural ao negro e ao branco pobre – assim como tantas festas religiosas onde se constatava a mescla o sagrado com o profano, atraiu em diversas regiões do Brasil a ira de uma igreja que passava por um período de encerramento em sua redoma. (p. 4). Esse controle ainda é visível no espaço eclesial da festa, pois o conselho paroquial da Igreja é que dá a palavra final anunciando os festeiros de cada ano.

Desse modo quando olhamos para festa, podemos capturar a riqueza da diversidade cultural que ela trás e é por isso que ela foi estudada e entendida como veículo educacional dado que, nela se constituem identidades, finalidades, processos, projetos congregando a diversidade numa certa unidade precária, que se encontra explicitada por suas formas e conteúdos. De alguma forma o povo que a festeja se unem e identificam com os elementos, símbolos ou espaços que os congregam. Há algo que tornam os diferentes, únicos. Por meio da festa, o negro e o branco excluídos socialmente exprimem seu desejo e direito de liberdade, igualdade e organização social. Expressão essa que surgiu conforme escreve Hoornaerd nas noites festivas nas senzalas, onde os africanos aproveitavam e interpretavam os momentos de ‘folga’ como momentos de identificação sua como pessoa e como povo, por isso o direito de ‘festar’ ao batuque dos tambores e no movimento ligeiro dos copos. Lendo Hoornaerd entendemos que nos cultos os negros recorriam aos símbolos católicos que deviam significar a *integração* na sociedade escravocrata mas passavam a significar a defesa coletiva contra esta mesma sociedade. Em Geertz verificamos que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo, o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas.

Nesse sentido Ribeiro (1982) evidencia que:

A festa como instrumento, representada pelo cotidiano, pelas famílias, pela experiência de vida, é uma escola, cujo sujeito pedagógico é o próprio povo, que orienta e revigora comportamentos, faz participar de crença e valores, perpetuando um universo simbólico (p. 44).

Para tanto, a pesquisa buscou entender que a educação está presente de diversas formas na vida do ser humano, possui um caráter ético, estético, político, parte ontológica chamada a estar sendo. Não tem forma definida, única. Move-se ao ritmo do tempo. Como um quadro sem moldura, sem a inscrição de um (a) único (a) autor (a), mais com a inscrição de todos (as) os autores (as). E no movimento da festa o aprendizado acontece. Da mesma forma que a educação acontece como nos diz Brandão (1995)

Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um do ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. (p.7)

Na festa os devotos aprendem e ensinam construindo a sua subjetividade conseqüentemente na perspectiva da cidadania. A ação educativa da festa orienta no sentido da solidariedade. Na festa os festantes são sujeitos exercem o protagonismo da sua história.

É nesse espaço de cansaço, de lutas e resistências que observamos a teimosia do povo que vêm encontrando espaço ou os cria para fazer suas manifestações de indignação e negação da ordem imposta. Capturamos que esses espaços se constituem lugares do fortalecimento da luta, do descarrego das tensões e do medo. Como espaço do vivido me atrevo a citar a

comunidade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, o lugar da festa. Que se apresenta mais do que um mero espaço ou território, o que percebemos é que esse espaço tendo o misto sagrado e profano é como se fosse a extensão ou o lugar da esperança donde o povo devoto de certa forma se alimenta, enche-se de forças para lutar suas batalhas cotidianas. O que parece é que cada devoto chega como que a desenrolar aos pés do santo sua vida, como que confiando a ele suas misérias, dores, na esperança de um grito de alívio, ou seja, a espera da graça.

Foi possível perceber ainda, que aparecem no decorrer da festa confrontos entre identidades: eu e o outro. Modos de ser e existir. (a questão da alteridade). Nesse sentido a festa nos parece que busca trabalhar o processo de inclusão dentro uma perspectiva de identidade inclusiva como um ritual. Os devotos se sentem na obrigação de fazer a festa e acolhem a todos/as que desejam entrar no ciclo pra festejar, o que independe das diferenças sociais.

A cultura dentro dessa perspectiva do olhar da festa foi como que entendida como uma espécie de ‘goma’ que dá liga e alimenta, dá forma, sentido e conteúdo à educação. E em todo canto há muitas experiências vivenciadas na singularidade, na dança do tempo que nos faz entender que não há um saber pronto a ser ensinado. Podendo a ver saberes em construção, sendo estes de características inclusivas das muitas diferenças. E o fazer a festa está estrutura íntima da cultura da cuiabania. Lendo Geertz

Como escreve Amaral (1998)

(...) as festas ocupam um espaço privilegiado na cultura brasileira (entendida como um conjunto de valores compartilhados em todas regiões do país) Adquirindo, no entanto, significados peculiares. Tendo sido, desde o período colonial um fator constitutivo de relações e modos de ação e comportamento, ela é uma das linguagens favoritas do povo brasileiro. Para ela são traduzidas muitas das suas experiências, expectativas de futuro e imagens sociais. Ela é capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam (p. 13-14)

A pesquisa se constitui como um instrumento da memória histórica cultural e educacional. Pois, historicamente, a festa de São Benedito esteve presente na vida e expressão do povo cuiabano desde sua fundação, conseguindo atravessar séculos, marcando significativamente a vida de várias gerações. Tornou-se respeitada e conhecida pela sociedade mato-grossense.

No desenrolar da pesquisa verificar que para que as “camadas” mais pobres e abastardas da sociedade, as festas podem ser entendidas como um espaço de reordenação ritualizada, de um território cheio de símbolos que anunciam a insatisfação social que de certa forma institucionaliza a sociedade em grupos, ordenando o ritmo natural da própria vida. Portanto, ela não nega a realidade, pelo contrário ela chama à consciência das massas essa falsa ordem que aliena e submete toda forma de contra-ordem sob égide das classes dominantes, criando oprimidos e opressores. Induzindo uma naturalização da submissão pela falsa liberdade de consumo, de direitos, de justiça e de cidadania.

Os resultados encontrados nos permitem dizer que a festa é campo de disputa, tomada por grupos diversos que fazem dela muitas vezes o lugar simbólico de afirmação do poder político e econômico, manifestações de forças, interesses políticos, tempo de denúncias de confrontos e de afirmações. Deslocam-se dimensões sagradas e profanas por interesses econômicos e de hegemonia política. Ganhando destaque o agro-negócio sendo justificado como causa natural para continuidade e sucesso financeiro da festa. Realidade assumida por grupos da elite cuiabana que *tomam* a festa como um forte ponto turístico religioso, manchete do Estado. De certa forma essa tradição já está *envolvida* com a modernidade, ou seja, a festa passou a ser um evento capitalista também. Aqui nasceu uma questão importante: Como a festa sobreviveu e sobrevive?

A pesquisa aponta que quem mantém a festa não é a igreja, mas células de famílias que são devotos fixos. Esses promovem a solidariedade, a reciprocidade com o santo. Os devotos se

reúnem semanalmente seja na igreja ou na sua própria casa, e nesse espaço acontece como que uma festa, a FESTA é uma sucessão de micros festas. Ação educativa da festa independe de ser católico, está ligada à cristandade. A comunhão se repete cada vez que as pessoas se reúnem (a festa de Cristo em cada eucaristia) A festa maior que é caracterizada pelos quatro dias é como se fosse o coroamento das outras festas validando-as. Sendo um modo de exercer no mundo cristão o sentido da fraternidade da solidariedade...

De ano a ano a festa flui no tempo, uma festa é como que parida dentro da própria festa. Assim, foi com a festa de 2005 que começou a ser preparada, pensada e gestada ainda dentro da festa de 2004. Pois, quando a festa chega ao quarto dia, é hora de anunciar os novos festeiros que terão a oportunidade de participar da fruição da festa até o quarto dia da festa do novo ano.

CÂMARA NETO (2000 (...)) as festas religiosas sempre foram motivos de contrariedade para hierarquia católica, que tentava a todo custo enquadrá-las e comandá-las. (p.6)

Nela há um espaço íntimo e público onde se compartilham, para além das disputas, dimensões de fé e sentidos, que permite ao povo manifestar-se, divertir-se, nas barracas, comendo, bebendo, jogando, brincando relativizando a sua forma os poderes simbólicos dos que se pretendem poderosos.

Nas liturgias o mesmo povo clama por justiça, direitos iguais e apontam e denunciam as desigualdades sociais. Nas faixas da procissão de São Benedito milhares de devotos atualizam mitos, simbolismo, como também revivem e colocam em cena a própria história, contado sob seu ponto de vista. Nas manifestações pelas ruas, seja nos carros alegóricos ou nos andores dos santos populares, aparece a riqueza, o privilégio de suas relações com as divindades que ouvem suas preces e lhe entregam milagres e nas procissões, o povo se reconhece e se encontra. A grande procissão acontece no último dia da festa, o povo toma as ruas, são milhares de devotos que trazem nas mãos velas, bandeiras, faixas e entoam cantos de luta e de louvor ao santo. A noite chega e por onde a procissão passa vai ficando tudo iluminado e ao subir o morro da Prainha, os fogos rasgam os céus anunciando a chegada de todos.

A festa volta para o seu espaço e temporalidade ininterrupta, a medida que os devotos festejam o santo com seus familiares, o tempo flui, não há uma mera recordação do passado festivo, o canto, a dança, a oração, o santo, o lugar vão se constituindo como fontes simbólicas que emanam da devoção é uma vivência de um tempo aberto continuado, cada um experimenta o tempo a seu ritmo. O tempo não do relógio, regulado, guiado, mais o tempo da festa como ela se manifesta.

O tempo que flui, que acontece é percebido ou capturado e portanto vivenciado ano a ano pelos devotos. O sentido do vivido de não ser uma sucessão de momentos. Essa devoção foi sendo atualizada no tempo presente da história e cotidiano de um povo. De um 'agora' onde o que é tomado como passado de certa forma permanece 'ali' grudado nas pedras gangas, nos paralelepípedos, nas paredes da igreja, na figueira centenária e nos rostos esperançosos dos filhos e filhas grávidos da tradição. Aonde a tradição vai sendo relida como um texto e ganhando novas interpretações, podendo ser fortalecida ou resignificada pelas vivências da geração contemporâneas da cuiabania que carregam em si a festa.

Desse modo que procuramos compreender que a festa não se constitui como um acontecimento que é "congelado" pelo tempo e no tempo da festa ela se "descongela". O ritual que culmina na festa é precedido de um tempo contínuo vivenciado que permanece ligando uma festa na outra. *'Tempo ontológico sobrepondo o tempo cronológico'*.

Quando olhamos a festa de São Benedito na totalidade que ela manifesta, ela parece se apresentar como uma festa circular pelo fato de ela ser contínua sem interrupção ou corte. Ela simplesmente flui no tempo. Não está presa no tempo...

Utilizamos para mergulharmos no tempo a ótica da temporalidade MerleauPontyana, com a contribuição da descrição densa de Clifford Geertz e trabalhos da religiosidade e festividades desenvolvidos, no Brasil, pela antropóloga Rita Amaral (USP).

O trabalho desenvolvido se constitui relevância do ponto de vista da cultura que atravessa todo o corpo da festividade em questão, do movimento negro que permeia e tece a história viva da festa, pela inexistência de um trabalho de caráter científico dessa natureza que faz emergir essa festividade dentro do espaço que compreende o estado de Mato Grosso e se soma às pesquisas do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação da UFMT que estudam espaços e atores educacionais populares em vista da cidadania.

Em se tratando de cidadania no que tange a formação do homem e da mulher a pesquisa buscou evidências para entender e interpretar que a educação não é um atributo apenas das escolas ou das universidades, ela está presente em todos os ambientes. E que podemos aproveitar espaços escolares e universitários para oportunizar a todos (as) um espaço do *tempo do conviver* a diversidade superando a cronologia imposta pela rigidez dos calendários escolares, premissas de formalidades, “secos e ossos” de relações plenamente humanas...

Com isso estamos compreender que não há uma educação escolar que não esteja amalgamada com o local, com as significações mais abrangentes da grande simbólica popular. Para tanto, é importante que os currículos escolares sejam adequados às peculiaridades de cada localidade e valorizando a cultura como seu patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental compreendida como tarefa pedagógica, imprescindível.

A festa concebida como movimento social se caracteriza como um fato social. Pois, engloba as esferas de sentido, transcendência, política, lazer, estética, tradição, trabalho etc.

A festividade, efetivamente, possibilita aos grupos sociais, o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes. O indivíduo e o grupo familiar afirmam, com sua participação nas festas públicas seu lugar na cidade e na sociedade política e, por sua vez, apresenta-se como movimento social, insere-se no calendário das escolas como uma trajetória histórica que resgata e atualiza a memória de um povo. Portanto, um saber que cruza a fronteiras dos currículos escolares demarcando um “tempo” onde ela possa se manifestar. Como escreve Passos (2003) “Falta-nos um currículo para tempos de danças! Falta-nos um currículo para os tempos da festa. Emenda-o dizendo ainda, que são estas descontinuidades que nos ensinam um currículo dinâmico, encarnado, significativo, expressivo e cidadão”.

A abordagem feita aqui não pretende colocar a festa necessariamente dentro do currículo formal institucional, porém garantir a mesma através do povo que a festeja respeito e dignidade social. Compreendendo a festa como parte da expressão cultural e política do povo cuiabano.

O currículo desse modo não se constitui meramente o lugar formal dentro do espaço demarcado como lugar do saber. Esse espaço social se amplia e diversifica, vai onde o povo está e permanece com ele para aprender com ele. A festa como manifestação do povo, se insere nesse espaço dando a ele sentido e valor.

Todavia, o conhecimento quando intitulado formal ou institucional, força uma relação de poder. E onde há poder existem subordinações de forças e obediências, as quais se justificam dentro de um processo aceito como civilizatório, que, de certa forma vê no conhecimento erudito a luz que traz a razão, ou seja, o que “sabe” o que é “bom” para o “povo” em geral.

Diante disso escreve Chauí (1994)

(...) os conhecimentos como saberes que cada um de nós deve possuir se quiser participar validade da vida sócia. Seu discurso – sempre discurso do especialista competente – nos diz o que as coisas são “objetivamente” e quais as ações que exigem de nós, “se quisermos ser ‘racionalistas’ e contemporâneos de nosso tempo” .(p. 35)

Em nome dessa realidade concebida como válida e absoluta, que se constituem nas escolas currículos que afirmam e confirmam o que é legítimo para um povo saber. Povo este, massa popular onde nos faz pensar quando escreve Chauí (1994).

(...) cabe auxiliá-lo através da filantropia e educá-lo através da disciplina do trabalho industrial, educação essencial para conter suas

paixões obscuras, supersticiosas, sua irracionalidade e, sobretudo sua inveja, que se exprime no desejo sedicioso do igualitarismo.(p.17).

Entendendo então, que o que é próprio do povo têm que passar pelo crivo da razão e da formalidade para educá-lo na sua sensibilidade tosca.

Nesse viés que a cultura popular que se manifesta nos movimentos sociais (festa) quer ser “guardiã da tradição”, a qual se coloca na contra mão da totalidade dominante.

No que escreve Chauí (1994) (...) as ações e representações da Cultura Popular se inserem num contexto de reformulação e de resistência à disciplina e à vigilância. (p.124).

Sendo assim, a escola não deve ser somente compreendida apenas como um espaço formal de aprendizagem, mas sim onde se adquire o conhecimento por meio de experiências vividas. Entendendo que é quase impossível ignorar dentro do espaço escolar a cultura de um povo. A festa em questão, por sua vez se escreve nessas experiências, uma vez que esta toma parte da história do povo cuiabano. O qual encontra na mesma uma forma de se manifestar não somente religiosamente mais socialmente, suscitando na temática central elemento de reflexão, resistência e luta.

Sinalizo com esse trabalho dizendo ainda, que é relevante que os educadores se empenhem tanto em construir conhecimentos, quanto em ensinar valores que são a base para que, no futuro, o aluno seja um adulto feliz, capacitado e consciente de seu papel na sociedade. Principalmente de sua história e de sua cultura. Para tanto, nos parece importante que os currículos escolares sejam adequados às peculiaridades de cada localidade e valorizando a cultura como seu patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental.

BIBLIOGRAFIA REFERENCIAL

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1998.

_____. (org.) **"Povo-de-santo, povo de festa: a centralidade da festa de candomblé como potência estruturante da religião"** In: *Os Urbanitas - Revista de Antropologia Urbana*, Edição Aguaforte Assessoria Web, ano 1, vol. 1, julho de 2004. www.osurbanitas.com.br capturado 11/06/2005 às 23:22

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De Angicos e ausentes: 40 anos de educação popular**. Porto Alegre: Mova-RS; Corag, 2001.

_____. **Educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. **Um caso de sobrevivência: os redentoristas e a festa de São Benedito em Aparecida (1894-1922)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**, São Paulo, Editora brasiliense, 1994, 6ed.

DAMATA, R. **Relativizando uma introdução à antropologia social**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Trad. Fanny Weobel. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

_____. **O Saber local: Novos ensaios em Antropologia Interpretativa**. Trad. Vera Mello. Petrópolis: Vozes, 1998.

HOORNAERT, Eduardo; AZZI, Rioldo; DER GRIJP, Klaus Van; BROND, Benno. **Historia da Igreja no Brasil**. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1992

MADURO, Otto. **Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**; [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PASSOS, Luiz Augusto. **Aguaçu na Dança do(s) Tempo(s) e a Educação da Escola: O tempora, o Mares.** Cuiabá: Instituto de Educação, 1998, 534p.
RIBEIRO, J. J. C. N. **A festa do povo: pedagogia de resistência.** Petrópolis: Vozes, 1982.

Dejacy de Arruda Abreu E-Mail: dejacy@gmail.com
Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Passos E-Mail: passos@cpd.ufmt.br
Co-Orientadora: Profª Drª Rita Amaral E-Mail: ritaamaral@pobox.com